
A CAPOEIRA NO CONTEXTO DA CULTURA MUNDIALIZADA:
A ESPORTIVIZAÇÃO COMO MOVIMENTO ENTRE TRADIÇÃO
E MODERNIDADE

CAPOEIRA IN THE GLOBALIZED CULTURE CONTEXT:
SPORTIVIZATION AS A MOVEMENT BETWEEN TRADITION AND
MODERNITY

Emerson Luís Velozo

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Brasil

Jocimar Daolio

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o sentido que o processo de esportivização da capoeira assume na contemporaneidade, como movimento de destraditionalização e consequente modernização desta manifestação corporal. Nesse processo de esportivização ocorre um deslocamento da identidade referente à capoeira, no sentido do "tradicional" em relação ao "moderno". A diferenciação conceitual entre as capoeiras "Angola" e "Regional" é exemplo de tentativas de se estabelecer identidades distintas a cada uma dessas manifestações. Certos discursos sobre estas variações da capoeira insistem que a "Angola" seria mais tradicional e, portanto, mais autêntica se comparada com a "Regional", mais modernizada e, talvez, inautêntica. Ao contrário de uma verdade ontológica pautada em termos de autenticidade e inautenticidade, tradição e modernidade, esta polarização da capoeira revela um tipo de disputa identitária, na qual cada uma das suas variações são interpretadas como produtos de grupos e indivíduos específicos que produzem tais demarcações simbólicas e ideológicas visando a legitimação da sua prática. A esportivização da capoeira, mais do que um processo de modernização e destraditionalização, segue na esteira da mundialização e mercadorização das práticas corporais. Nesse contexto, a modernização provoca uma espécie de "abertura" dessa prática corporal para o mundo, no formato de um objeto de consumo.

Palavras-chave: Capoeira, Esportivização, Tradição, Modernidade

Abstract

The aim of this paper is to analyze what is the meaning that the capoeira sportivization process assumes nowadays as detraditionalization movement and consequent modernization of this bodily manifestation. In this sportivization process there is a shift of the capoeira's identity, directing from the "traditional" related to the "modern". The conceptual differentiation between "Angola" and "Regional" capoeira is an example of the attempts to establish distinct identities for each of these manifestations. Certain discourses on these capoeira's variations insist that the "Angola" one would be more traditional and therefore more authentic when compared to the "Regional" one, which is more modernized and perhaps inauthentic. Unlike an ontological truth grounded in terms of authenticity and inauthenticity, tradition and modernity, this polarization reveals some kind of contest about capoeira's identity, where each of its variations are interpreted as products of specific groups and individuals that produce such symbolic and ideological boundaries to legitimize the practice. Capoeira's sportivization, more than a modernization and detraditionalization process, follows in the track of globalization and commodification of bodily practices. In this context, the modernization causes some kind of "openness"

of this bodily practice to the world, in the shape of a consumption object.

Keywords: *Capoeira, Sportivization, Tradition, Modernity*

Introdução

O estudo das questões identitárias relacionadas à Capoeira pode trazer argumentos importantes para ajudar na compreensão de elementos como a destradicionalização e a modernização das práticas corporais. Alejandro Frigerio⁽²⁾ analisa de modo muito interessante o desenvolvimento histórico da capoeira e o seu desencadeamento em duas vertentes distintas, sendo uma mais tradicional, a Capoeira Angola e outra mais esportivizada, a Capoeira Regional. Nesse sentido, este autor afirma que a Capoeira Angola possui características de dança, luta, jogo, ritual e mímica, e que é a totalidade destes aspectos que a constitui como arte. Além disso, ela possuiria oito características que fazem parte da sua tradição e que a definem como arte: malícia, contemplação, jogo baixo, ausência de violência, movimentos bonitos, música lenta, importância do ritual e teatralidade. É interessante notar que estas características são descritas como uma espécie de essência da capoeira enquanto um patrimônio afro-brasileiro. Ao descrever, por exemplo, os componentes da “teatralidade”, Frigerio os define como “essência” da Capoeira Angola⁽²⁾. Isso quer dizer que sem estas características a capoeira perderia a singularidade da sua prática, que foi moldada pela tradição de origem junto às classes populares negras no Brasil.

Ao contrário de supor a existência de uma essência da capoeira, a qual seria responsável por dotar esta manifestação corporal de autenticidade, este estudo, buscou interpretar o movimento de modernização da capoeira como um processo que diversifica os sentidos atribuídos a tal prática. Com base nas ideias de Ortiz⁽⁷⁾, o processo de modernização da capoeira é visto como um tipo de modificação que, ao invés de torná-la inautêntica, coloca-a num patamar mundializado, moldando-a a partir de outros tipos de significações, até mesmo como um produto esportivo a ser consumido. O texto organiza-se mostrando certas transformações da capoeira a partir de fenômenos com a sua modernização e mundialização, mas também buscando interpretar a apropriação desta manifestação cultural pelo mercado como um novo objeto de consumo.

Capoeira, modernização e mundialização

Frigerio afirma que as transformações sofridas pela capoeira não podem ser compreendidas sem levar em consideração as contribuições do Mestre Bimba (Manoel do Reis Machado) que foi responsável pela criação de uma nova variante para esta prática. Mestre Bimba, ao considerar que a Capoeira Angola deixava a desejar em termos de luta e achar que faltava-lhe eficiência, criou a Luta Regional Baiana, que ficou conhecida como Capoeira Regional. Além disso, foi o Mestre Bimba quem criou a primeira academia de Capoeira, no ano de 1931, e parece ter sido ele o primeiro a desenvolver uma metodologia de ensino. Sua pedagogia era composta por três níveis, “iniciantes”, “formados” e “formados especializados”, além de apresentar oito seqüências de ataque e defesa. A mudança dos locais da prática – da rua para a academia –, a presença de alunos pertencentes às classes médias e altas, a redução dos elementos cerimoniais, rituais e lúdicos, além da incorporação de gestos de outras lutas como as artes marciais, provocam profundas transformações na prática da capoeira. Ela perde certos elementos que a aproximavam das “brincadeiras” e da “vadiagem” e adquire um

formato que a deixa mais próxima do caráter de luta⁽²⁾. Esses fatores já indicavam alguns passos no caminho da esportivização da capoeira, num movimento em que ela começa a deixar de ser vista como ligada à malandragem e ao subversivo, para ser praticada dentro dos parâmetros de legalidade. Paralelamente à esse processo, ocorre, segundo Frigerio, a sua descaracterização. Ao perder suas características originais e se enquadrar no modelo que lhe permite atender aos parâmetros de legalidade, a capoeira acabou sendo, de certa maneira, folclorizada. O processo de esportivização avança na medida em que esta prática caminha rumo a sua regulamentação, sendo que em 1972 o Conselho Nacional de Desporto a declarou como um “esporte” e em 1974 e 1984 foram criadas, respectivamente, as federações de capoeira em São Paulo e no Rio de Janeiro⁽²⁾. Algumas seqüências da aproximação da capoeira ao esporte, descritas por Frigerio, são: a sua crescente burocratização, a incorporação de elementos das artes marciais orientais, a cooptação ideológica e política da arte pelo sistema, e a presença de concepções evolucionistas subjacentes. É importante chamar a atenção para este último aspecto, que tem relação com a existência do pensamento evolucionista sobre a noção de técnica. Tal pensamento enxerga as transformações que perpassam a capoeira como uma evolução necessária ao seu progresso.

Segundo essa visão, a partir dessa modalidade de luta popular, que se desenvolveu de forma empírica – portanto considerada “inexata”, “ingênua” –, chega-se ao que muitas vezes é denominado de “Capoeira objetiva”. Nesta, supostamente, através do estudo dos movimentos e do conhecimento científico que possuímos do corpo humano, seriam alcançados movimentos e técnicas com um grau máximo de eficiência. O saber popular negro, “primitivo”, deve assim ser substituído pelo conhecimento “científico” (não esqueçamos de que muitos dos novos Mestres são professores de educação física) que possuem as classes médias, brancas^(2, p.6).

É interessante perceber que a visão evolucionista tende a explicar o processo de esportivização da capoeira como o movimento natural de uma prática que precisa se modernizar e, para isso, deve passar necessariamente pela cientificização dos seus elementos. Assim, concebe-se a existência de uma linha evolutiva que possibilita compreender o estado de progresso em que a prática se encontra. Neste sentido, as práticas que mais se aproximam da tradição tendem a ser colocadas numa extremidade da linha, e as práticas mais afeitas com o projeto moderno, são postas na outra. Da mesma maneira, poder-se-ia admitir que, como arte, a capoeira estaria no pólo oposto em que se situa a capoeira como esporte. As idéias evolucionistas imprimem ares de superioridade à Capoeira Regional, como se ela fosse uma versão mais avançada e civilizada da Capoeira Angola.

De outro ponto de vista, as transformações que perpassam a capoeira correm o risco de serem pensadas de modo essencialista, uma vez que a alteração das suas características originais tende a ser vista como perda da sua autenticidade, por aqueles que estavam vinculados ao seu modelo mais tradicional. Nesse segundo sentido, a esportivização, modernização ou evolução, que eram entendidos como fatores positivos, passam a ser vistos como aspectos negativos, pois acabariam gerando a descaracterização da verdadeira e autêntica capoeira. De qualquer forma, é importante sublinhar, como nos lembra Frigerio, que a esportivização e difusão da Capoeira Regional não acabou por

extinguir a Capoeira Angola, que também é praticada pelos seus adeptos, mas o que houve em todo este trajeto foi um “embranquecimento” da Capoeira Tradicional. Também não podemos esquecer que este tipo de polarização entre um tipo mais tradicional e outro mais modernizado de capoeira não exclui outras formas de apropriação desta prática. Lembremos de Lipovetsky⁽⁴⁾ quando afirma que na contemporaneidade (ou hipermodernidade) a tradição não é um aspecto a ser negado, mas, ao contrário, é reintegrado como elemento vinculado ao mercado e ao consumo. Deste ponto de vista, a forma reconhecida como mais tradicional e autêntica da capoeira também está sujeita a se desenraizar e entrar definitivamente na lógica do mercado e do consumo.

Em síntese, o que está em questão neste tipo de análise é a localização da capoeira em dois pólos, sendo um mais tradicional e o outro menos. Este desdobramento da capoeira em dois pólos deve-se ao processo de legitimação pelo qual ela passou e que, ao mesmo tempo, teria gerado a sua descaracterização. A passagem de um vínculo mais tradicional presente na capoeira como arte, para um modelo que incorpora elementos de outras lutas e que caminha para a esportivização, elucida o movimento de modernização desta prática corporal. De acordo com José Luiz Cirqueira Falcão⁽¹⁾, a capoeira incorpora o debate sobre a modernização cultural brasileira. De fato, o exame do desenvolvimento da capoeira pautado na existência de um pólo tradicional e, portanto, autêntico, e outro menos tradicional e inautêntico lembra a polarização em torno do debate sobre a cultura brasileira durante a década de 1920. De um lado, o modernismo, preocupado em repensar as manifestações artísticas e culturais brasileiras e ao mesmo tempo ressaltar a autenticidade da cultura nacional. Nesse sentido a unidade do nacional é valorizada como forma de se chegar ao universal. De outro lado, o manifesto regionalista de Gilberto Freyre salientando a importância da preservação das tradições regionais, visto que a importação de modelos e idéias seria incompatível com as peculiaridades brasileiras⁽⁶⁾.

A mundialização e a mercadorização da capoeira

A sensação, entretanto, é de que nem a tradição e nem a modernização conseguem dar respostas satisfatórias para orientar as práticas humanas. Neste contexto, o debate sobre a esportivização segue o seu caminho, sendo que outros ingredientes vão sendo adicionados. Um deles deve-se ao fato de que, ao passo em que a prática corporal se moderniza, ela tende a se tornar um alvo mais fácil no processo de mercadorização. Uma análise neste sentido é feita por Paula Cristina da Costa Silva⁽⁸⁾ ao situar a capoeira como uma prática que, ao se aproximar do modelo esportivo, tem sido apropriada por diferentes setores do mercado e alcançado crescente divulgação pelos meios de comunicação de massa.

A apropriação da capoeira pelo mercado de roupas esportivas implica em uma deturpação produzida pelas marcas esportivas em relação aos significados desta prática cultural. Este movimento é analisado por Silva⁽⁸⁾ no contexto da sociedade de consumo e das conseqüências que a globalização da economia tem gerado para as práticas culturais. Nesse sentido, a capoeira, a partir do seu processo de ocidentalização, estaria sendo transformada em mercadoria, satisfazendo a lógica do consumo global. Sem querer minimizar as críticas feitas à apropriação desta prática pelo mercado cultural, é necessário destacar nisso tudo, o movimento traçado pela capoeira no sentido do local ao global. É importante observar que a modernização das práticas

corporais parece ser um pressuposto para a sua mundialização. Ao se modernizar ou se ocidentalizar, ela deixa de ser uma prática exclusivamente nacional. Falcão⁽¹⁾ já observava que a capoeira teria avançado as fronteiras nacionais sendo praticada em países como Alemanha, França, Estados Unidos, Inglaterra e Portugal. É muito provável que atualmente esta prática já tenha chegado a vários outros países e acumulado um número ainda maior de praticantes.

Com isso, o vínculo estabelecido pela capoeira deixa de ser exclusivamente local ou regional, para incorporar dimensões mais alargadas, como a nacional e atualmente a global.

Segundo Octavio Ianni^(3, p. 8), “Todos, em todo mundo, a despeito de suas convicções, ou opções, estão colocados diante de dilemas e perspectivas suscitadas pela transnacionalização, planetarização, mundialização ou globalização das coisas, gentes e idéias”. Está sendo desenhado, como observa Ianni, um novo mapa do mundo. Muitas das análises que se dedicam a compreender as práticas corporais no âmbito da globalização tendem a privilegiar os aspectos econômicos que são impulsionados pelos interesses mercadológicos. Nesse quadro, a capoeira poderia ser interpretada como manifestação que foi apropriada pelo sistema capitalista, transformando-se em produto vendável e rentável manipulado pela indústria cultural.

Entretanto, uma leitura do ponto de vista exclusivamente econômico, apesar de relevante, não é suficiente para que possamos compreender a dinâmica da cultura na sociedade atual. Analisar a cultura simplesmente na lógica do consumo e este apenas em relação às questões financeiras, reduziria demais a complexidade de aspectos que envolvem este tema. Por isso, algumas reflexões sobre o caráter simbólico deste movimento podem ser bastante úteis. Renato Ortiz⁽⁷⁾, ao se referir ao tema da mundialização da cultura, já observava que o consumo é mais do que um sistema de trocas de mercadorias, ele é um tipo de ética, uma orientação para a conduta das pessoas. Os elementos que se organizam em torno do consumo não possuem apenas uma dimensão econômica, pois “[...] o mercado, as transnacionais e a mídia são instâncias de legitimação cultural, espaços de definição de normas e de orientação da conduta. Sua autoridade modela as disposições estéticas e as maneiras de ser”^(7, p. 90).

Nesse sentido, a capoeira, modernizada, esportivizada e mundializada, torna-se também um produto de consumo interessante aos olhos do mercado. Este, mais do que uma instância de relações econômicas, exerce um importante papel de legitimador cultural da capoeira. Sendo um mediador simbólico, o mercado produz novos significados acerca desta prática, que para além das esferas locais, assumirá visibilidade global. Mas pensamos que nem todos os referentes culturais, ao serem colocados num espaço de visibilidade global, ganharão vínculos identitários pelos diversos grupos sociais. Há ainda outro ingrediente que parece ser fundamental neste tipo de fenômeno e que é relatado pelo próprio Mauss. Refiro-me à noção de “prestígio social”, que necessita estar presente nesses referentes para que eles possam atrair a atenção dos sujeitos. O prestígio pode então ser considerado um elemento simbólico fundamental no processo de identificação de pessoas e de grupos às práticas corporais.

Mauss é enfático ao afirmar que a transmissão e o aprendizado das técnicas corporais dependem da tradição. Sem ela, não pode existir nem a técnica e nem a sua transmissão. Além disso, a técnica corporal caracteriza-se por ser eficaz, não apenas no sentido mecânico ou físico, mas também nas dimensões

“moral, mágica e ritual de certos atos”^(5, p. 216). Estes preceitos parecem não entrar em conflito com a dinâmica que a capoeira adquire na atualidade, pois mesmo adquirindo formas diversas, como a angola e a regional, ainda assim elas estão associadas a certos tipos de tradição. Podem ser as novas tradições inventadas no seio da nossa modernidade, pautadas na espetacularização e na celebração efêmeras estimuladas pelo mercado, mas mesmo assim são tipos de tradição. As novas modas, os novos ídolos, são exemplos da configuração de novos referentes que, apesar de não serem legitimados pela sua resistência ao tempo, parecem ser dotados de prestígio suficiente para que se tornem eficazes.

Considerações finais

A capoeira se transforma em um referente global, portador de significados tanto para os seus diversos tipos de praticantes quanto para os não praticantes. É importante salientar que os significados atribuídos às práticas corporais como referentes que assumem uma dimensão global não são homogêneos, e vão depender da sua vinculação com a ideologia de cada grupo social. Não se pode imaginar que todos os grupos sociais possam assimilar passivamente e da mesma maneira os significados que o mercado, por exemplo, tenta imprimir. Ao mesmo tempo em que esta impregnação de significados pré-concebidos por estes mediadores não parece ocorrer de forma homogênea afetando todos os indivíduos, não há como negar que ela ocorre concretamente em determinados segmentos e grupos sociais. Os mediadores simbólicos que atuam ao nível global possibilitam que os referentes culturais – como é caso das práticas corporais – ocupem um lugar privilegiado no movimento de significação. Isso permite a construção de identidades desterritorializadas, de vínculos identitários que não apresentam mais a relação de pertencimento com a rigidez de determinado espaço geográfico ou com alguma tradição específica. Este tipo de vínculo identitário não parece ser algo novo. A partir do momento em que existam mediadores atuantes nos níveis mais globais, é possível que ocorram essas formas de identificação. A capoeira, que passa por um processo de destradicionalização rumo à sua esportivização, tem os elementos que a vinculavam ao universo da tradição, ressignificados, a partir de um processo de reatribuição de sentido. Entretanto, isso parece não eliminar o sentimento de vínculo estabelecido por certos grupos sociais com a capoeira em sua manifestação na forma mais tradicional. Ao invés disso, tanto modernizada, quanto reintegrada sob o rótulo de manifestação tradicional, a capoeira assume diferentes sentidos como um referente cultural cuja dinâmica se torna cada vez mais mundializada/globalizada.

Agradecimentos

À Fundação Araucária (FA) pelo apoio destinado à divulgação deste estudo.

Referências

1. Falcão JLC (1995). O processo de escolarização da capoeira no Brasil. *Rev. Bras. Ciênc. Esp.*, 16(3): 173-182.
2. Frigerio A (1989). Capoeira: de arte negra a esporte branco. *Rev. Bras. Ciênc. Soc.*, 4(10): 85-98.
3. Ianni O (2000). Globalização e o retorno da questão nacional. Primeira versão, IFCH/UNICAMP, n. 90.
4. Lipovetsky G (2004). Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarolla.
5. Mauss M (1974). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU.

6. Oliven R (2001). Cultura e modernidade no Brasil. São Paulo em Perspectiva, 15(2): 3-12.
7. Ortiz R (1996). Um outro território: ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho D'água.
8. Silva PCC (2002). A educação física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.